

CORRIDA À CASA BRANCA

Netanyahu homenageia Trump

Primeiro-ministro de Israel discursa diante de Congresso americano dividido pela guerra em Gaza e agradece ao republicano por "tudo o que fez" pelo Estado judeu

» RODRIGO CRAVEIRO

Benjamin Netanyahu utilizou parte de seu discurso no Capitólio, em sessão conjunta da Câmara dos Representantes e do Senado dos Estados Unidos, para prestar uma homenagem ao ex-presidente Donald Trump, em Washington. "Agradeço ao presidente Trump por tudo o que fez por Israel, de reconhecer a soberania de Israel sobre as Colinas de Golã, até fazer frente à agressão do Irã, passando por reconhecer Jerusalém como nossa capital e transferir para lá a embaixada americana", disse o primeiro-ministro israelense, que se reunirá, amanhã, com o magnata republicano na mansão de Mar-a-Lago, na Flórida.

O premiê também agradeceu ao presidente Joe Biden por "seus esforços incansáveis em favor dos reféns" — uma menção às pessoas sequestradas pelo movimento extremista islâmico Hamas, durante 7 de outubro passado, e mantidas em cativeiros na Faixa de Gaza.

Enquanto Netanyahu discursava por 52 minutos do alto da tribuna do Congresso, milhares de manifestantes marchavam rumo ao Capitólio. Com bandeiras da Palestina e com faixas e cartazes em que pediam a prisão de Netanyahu, alguns deles entraram em choque com as forças de segurança, que usaram spray de pimenta para dispersar a multidão. Os manifestantes também exigiam um cessar-fogo na Faixa de Gaza, depois de nove meses de guerra. A Polícia do Capitólio prendeu cinco ativistas dentro das galerias do Congresso.

Netanyahu disse que "assim como os norte-americanos, os israelenses estavam aliviados" com o fato de Trump ter sobrevivido a uma tentativa de assassinato na cidade de Butler (Pensilvânia), em 13 de julho (leia nesta página). O chefe de governo de Israel também atacou os manifestantes pró-Palestina. "A clareza começa por saber a diferença entre o bem e o mal. No entanto, incrivelmente, muitos manifestantes anti-Israel optam por apoiar o mal", alfinetou. "Eles estão com o Hamas, com estupradores e assassinos. (...) Deveriam ter vergonha de si mesmos."

O premiê também os chamou de "idiotas". "Tenho uma mensagem para esses manifestantes: quando os tiranos de Teerã, que enforcam homossexuais em guindastes e assassinam

mulheres por não cobrirem os cabelos, são aplaudidos, promovidos e financiados, vocês se tornam oficialmente os idiotas úteis do Irã", avisou Netanyahu. Ele tentou promover a ideia de que "os inimigos de Israel são os inimigos dos EUA" e pediu que o Congresso e a Casa Branca acelerem a ajuda militar a Israel.

"Mentira"

A reportagem conversou com o palestino-americano Hani Almadhoun, que assistiu ao discurso de Netanyahu a partir da galeria do Capitólio e conseguiu arrecadar US\$ 1 milhão para alimentar a família e outros moradores de Gaza. "Perdi 151 familiares na guerra, a maioria deles no último sábado. Eu estive lá, não muito distante da tribuna. Ouvi um discurso repleto de desinformação, de mentira e de propaganda", desabafou, por telefone.

No kibbutz de Nir Oz, sul de Israel, onde viviam 420 pessoas antes do atentado de 7 de outubro (40 foram mortas e 77, sequestradas), Irit Lahav, 57 anos, porta-voz da comunidade, elogiou o discurso de Netanyahu. "Foi muito bom. Ele enalteceu Biden, pessoa verdadeiramente boa e que está do lado de Israel. Também homenageou Trump pelos Acordos de Paz de Abraão, iniciados enquanto ele estava no Salão Oval. Foi uma iniciativa que resultou em mudança dramática no Oriente Médio", disse ao Correio. "Estou triste por ele ter dado pouquíssima atenção aos reféns. Preocupamo-nos que o nosso povo morra lá todos os dias. O Hamas está mantendo nossa gente sem comida, sem água e sem cuidados básicos."

Em entrevista ao Correio, por meio do WhatsApp, Basem Naim — chefe do Departamento Político do Hamas — desqualificou o pronunciamento de Netanyahu e atacou os congressistas dos EUA. "O discurso foi uma peça mal dirigida, repleta de mentiras. Infelizmente, os representantes, no Congresso, da maior democracia do mundo provam que são superficiais e dependentes de uma narrativa fabricada, cheia de mentiras", afirmou. "Netanyahu fracassou em reparar o dano causado a Israel depois do 7 de outubro. O velho consenso americano em relação a Israel ficou claramente dividido, e isso é irreversível. As novas gerações conscientes nas ruas são a evidência mais forte disso."



Benjamin Netanyahu é aplaudido de pé pelos deputados e republicanos dos EUA, em sessão conjunta no Capitólio: em defesa da guerra



Manifestantes marcham em direção ao Congresso, em Washington: pedido de prisão do líder israelense



Anna Moneymaker/Getty Images/AFP

Agradeço ao presidente Trump por tudo o que fez por Israel, de reconhecer a soberania de Israel sobre as Colinas de Golã, até fazer frente à agressão do Irã, passando por reconhecer Jerusalém como nossa capital e transferir para lá a embaixada americana"

Benjamin Netanyahu,
primeiro-ministro israelense

O protesto de Rashida Tlaib

Com o keffiyeh, o lenço que se tornou símbolo da causa palestina, a deputada democrata Rashida Tlaib não se intimidou com a presença de Benjamin Netanyahu no Congresso dos Estados Unidos. Filha de imigrantes palestinos, a legisladora de 48 anos mostrou uma placa com os dizeres "Culpado de genocídio", enquanto o primeiro-ministro de Israel discursava na tribuna. "Eu nunca desistirei de falar a verdade ao poder. O governo do apartheid de Israel está cometendo genocídio contra os palestinos", afirmou Tlaib em seu perfil na rede social X. "Os palestinos não serão apagados. Solidariedade com todos aqueles que estão fora destes muros nas ruas protestando e exercendo o seu direito à dissidência."

Atirador pesquisou assassinato de JFK

O autor do atentado contra Donald Trump, ocorrido 12 dias atrás durante um comício na Pensilvânia, fez uma pesquisa detalhada na internet sobre o assassinato do presidente John F. Kennedy (JFK), morto a tiros em Dallas há quase 61 anos. O atirador, de 20 anos, operou um drone sobre a área do evento por cerca de 11 minutos — entre 15h50 e 16h locais — no dia do ataque a tiros, passando a cerca de 200 metros do palco onde Trump discursaria, segundo Christopher Wray, diretor do FBI.

O chefe da agência federal de polícia testemunhou, ontem, perante um comitê especial do Congresso, um dia depois de Kimberly Cheatle renunciar ao cargo de diretora do Serviço Secreto dos Estados Unidos. Também em depoimento aos legisladores, Cheatle admitiu que a agência fracassou na missão de proteger Trump — em suas palavras, "a falha operacional do Serviço Secreto mais significativa em décadas".

Apesar das novas informações, Christopher Wray admitiu



que a investigação sobre o atentado a Trump ainda não conseguiu determinar os motivos que levaram Thomas Matthew Crooks a cometer o ataque. "Ele parece ter feito muitas buscas (na internet) de pessoas públicas em geral", disse o chefe do FBI. No entanto, não foi possível detectar "nada de destaque" em termos de motivação ou ideologia. "Até agora, não parece ter tido muito motivo para isso", afirmou Wray.

Detalhes

Em uma das buscas no Google, exatamente uma semana antes do atentado, Crooks quis saber sobre a morte de JFK. "A que distância estava Oswald de Kennedy?", indagou, em alusão a Lee Harvey Oswald, autor dos disparos contra o então presidente. "Trata-se, portanto, de uma busca (de dados) que obviamente é significativa em termos de seu estado mental", ressaltou o diretor do FBI.

Christopher Wray,
diretor do FBI, depõe no Congresso: motivação ainda é incógnita

Crooks disparou contra Trump com um fuzil estilo AR pouco depois das 18h locais (17h de Brasília), enquanto o candidato republicano à Casa Branca falava ao público em um comício na cidade de Butler. Ele estava posicionado no telhado de um prédio próximo e foi morto por um franco-atirador do Serviço Secreto menos de 30 segundos após efetuar os primeiros disparos.

Atingido de raspão na orelha direita, Trump foi imediatamente retirado do local. Dois apoiadores do magnata republicano ficaram gravemente feridos e um bombeiro, de 50 anos, da Pensilvânia, morreu devido aos disparos.

De acordo com o diretor do FBI, o drone e seu controle remoto foram encontrados pelos agentes no carro do atirador. Além disso, os agentes acharam dois artefatos explosivos "relativamente rudimentares" no automóvel e mais um na residência de Crooks.



Na Índia, orações por Vance

Localizada às margens de um canal, em uma área rural do estado indiano de Andhra Pradesh, a pequena aldeia Vadluru é o lar ancestral de Usha, esposa do senador J.D. Vance, candidato a vice-presidente na chapa encabeçada por Donald Trump. Lá, todos os dias, o sacerdote hindu Subhramanya Sharma (foto), diante de uma escultura de prata de Sai Baba, um guru do século 19 reverenciado por seus seguidores como uma divindade, pede bênçãos para o político republicano. O singelo templo fica em um imóvel que pertenceu à família de Usha, os Chilukuris. "Ela pode alcançar posições mais elevadas em sua vida", diz Subhramanya. O bisavô de Usha deixou Vadluru, mas seus ancestrais são respeitados no vilarejo como ilustres acadêmicos e conhecedores das escrituras hindus. Hinduísta devota, ela nunca visitou a aldeia, mas o sacerdote diz que seu pai esteve lá há três anos e ficou sabendo da situação do templo.